

PEDAGOGIA DA AUSÊNCIA: CONCEITO E DISCUSSÕES SOBRE SUA AMPLITUDE

Ainor Lotério

A reflexão nasce de uma cena simples: o retorno do sítio à cidade, o reencontro com o filho mais velho, e a conversa que traz de volta preocupações mundanas do negócio da família. Ali, no contraste entre o silêncio cultivado na terra e a agitação que aguarda no reencontro, aparece uma sensação de contaminação, a impressão de que aquilo que se buscava preservar se desfaz ao primeiro contato. A pergunta que se impõe não é como evitar esse contato, mas o que fazer com ele: perguntar menos, ser solidário sem insistir, mandar uma mensagem breve como está, permanecer mais ausente para que a pedagogia continue operando.

Essa ausência, contudo, precisa ser qualificada, porque a palavra sozinha não diz que tipo de ausência é. Há uma distinção inicial a fazer entre dois movimentos que, por fora, parecem idênticos: menos perguntas, mais silêncio, mensagens curtas. Um é dirigido ao outro, o gesto pedagógico que abre espaço para que o filho amadureça e decida por conta própria. O outro é dirigido a si mesmo, o recuo que protege a própria paz do desgaste de sustentar, repetidamente, o contato com a aflição alheia. Nomear com honestidade qual dos dois está operando em cada momento evita que se vista de sabedoria o que talvez seja, apenas, cansaço de carregar o peso do outro.

Mas essa distinção inicial, sendo necessária como exercício de autoconhecimento, não esgota a questão, porque o filho já não é uma criança em formação. Há autonomia construída ao longo de décadas de presença, de zelo pelo colégio, de participação em cada etapa. O que muda agora não é o vínculo, é a modalidade da relação: de um pai que decidia junto para um pai que apenas acompanha, à distância, um adulto que decide sozinho. Essa mudança de modalidade é o que permite trazer para dentro do conceito uma segunda chave de leitura, a da andragogia, o ensino entre adultos, distinta da pedagogia voltada à formação infantil. Knowles (1980) descreve a andragogia como uma abordagem centrada na autodireção do aprendiz adulto, em que o papel de quem ensina não é conduzir, mas facilitar, reconhecendo que o outro já possui experiência e capacidade de decisão próprias. Nessa chave, o mestre não tem obrigação de se exaurir diante de um par que já caminha com as próprias pernas, e o silêncio deixa de ser omissão para se tornar reconhecimento de maturidade.

A partir daí, a tese se amplia: a pedagogia da ausência não precisa ser dividida em dois conceitos separados, um para o outro e outro para si, porque ambos os movimentos decorrem da mesma lei, a de amar o próximo como a si mesmo. Como está escrito em Marcos 12,31: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe mandamento maior do que estes.” Se o amor ao próximo e o amor a si mesmo nascem do mesmo princípio, então a ausência que forma o filho e a ausência que preserva o pai, sua esposa e sua

família não são duas pedagogias distintas, mas duas direções de uma só lei aplicada à mesma prática. Preservar a própria saúde física e emocional não é covardia nem afastamento, é a outra metade do mandamento que, por muito tempo, ficou represada em favor da entrega constante ao outro, tal como já refletido a respeito do direito ao descanso e da liberdade como valor central da vida madura (LOTÉRIO, 2026).

Há ainda um dado observável que sustenta essa leitura: quando a ausência se instala, em vez de romper o vínculo, ela o reativa em outra direção. São eles que vêm buscar, que perguntam como está, que se preocupam. Se a ausência fosse fuga, geraria distanciamento crescente; o fato de gerar aproximação mostra que o vínculo permanece vivo, apenas invertendo, por um tempo, quem sustenta a iniciativa do cuidado. Isso ainda ensina algo, e por isso continua sendo pedagogia: ensina que presença não precisa ser constante para ser real, e que o silêncio pode comunicar cuidado tanto quanto a pergunta.

Assim, a Pedagogia da Ausência, dentro da Agrosafia, passa a ser compreendida em sua amplitude plena: um só instrumento, uma só palavra, dois vetores. Na pedagogia comum, das séries iniciais, ela é o espaço deliberado que o formador abre para que a criança ou o jovem amadureça por conta própria. Na andragogia, entre pares adultos, ela é o mesmo espaço, mas agora sustentado também pelo direito de quem forma a se preservar, sem que isso enfraqueça o vínculo ou a autoridade moral da relação. Não é uma retirada única, é um instrumento de mão dupla, que ensina ao outro pela distância e cuida de quem ensina pela mesma distância, na mesma linha do cuidado com a própria terra e consigo mesmo já apontado como forma de diaconia (LOTÉRIO, 2026).

Sobre o autor

Ainor Lotério, engenheiro agrônomo, filósofo e teólogo, criador da Agrosafia e desenvolvedor da Agroteologia.

Referências

KNOWLES, Malcolm S. The Modern Practice of Adult Education: From Pedagogy to Andragogy. Chicago: Follett, 1980.

BÍBLIA. Novo Testamento. Marcos 12,31.

LOTÉRIO, Ainor. 2026. Disponível em: www.ainor.com.br.

LOTÉRIO, Ainor. 2026. Disponível em: www.loterio.com.br.